



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES - IARTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA

Aprendizagens musicais no Show Viva “Caminhos da Esperança”: um estudo com alunos sobre a formação musical na igreja católica.

Uberlândia, dezembro de 2019.

VITOR PAULO CESÁRIO SANTOS

Aprendizagens musicais no Show Viva “Caminhos da Esperança”: um estudo com alunos sobre a formação musical na igreja católica.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento da disciplina Pesquisa em Música 4 e TCC, do Curso Graduação em Música – Licenciatura (Habilitação em Violão), da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, sob orientação da profa. Dra. Fernanda de Assis Oliveira Torres.

Uberlândia, dezembro de 2019.

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de compreender como acontece a aprendizagem musical dos alunos no “Show Viva 2018: Caminhos da Esperança (CEVSP)”. O musical acontece dentro de um curso que se chama Curso de expressão viva, no qual tem o objetivo formar artistas de uma maneira integral, trabalhando sua formação artística, mas também sua formação humana. Por se tratar de um trabalho qualitativo, o método usado para se chegar as respostas dos objetivos foi a entrevista semiestruturada, foi feita com três pessoas que participaram do curso na cidade de São Paulo. Por meio de uma análise das respostas pode-se chegar à conclusão de como se dá aprendizagem no curso e principalmente no musical, e com as respostas obtidas foi o possível ter uma básica noção de como os conteúdos foram passados aos alunos que fizeram o curso no ano de 2018.

PALAVRAS-CHAVE: Show Viva, CEV (curso de expressão viva), Ziza Fernandes, musical, análise.

ABSTRACT

The present work was developed with the objective of understanding how the students' musical learning happens in the "Live Show 2018: Paths of Hope (CEVSP)". The musical takes place within a course called Living Expression Course, which aims to train artists in an integral way, working their artistic formation, but also their human formation. Because it is a qualitative work, the method used to reach the answers of the objectives was the semi-structured interview, was made with three people who participated in the course in the city of São Paulo. Through an analysis of the answers, it is possible to conclude how learning is done in the course and especially in music, and with the answers obtained it was possible to have a basic notion of how the contents were passed to the students who took the course in the course year 2018.

KEYWORDS: Live Show, CEV (live expression course), Ziza Fernandes, musical, analysis.

Sumário

Introdução	6
1.1 Quem é Ziza Fernandes?.....	7
1.2 O que é o CEV?	8
1.3 Locus de estudo: O que é o Show Viva?	10
1.4 Justificativa.....	11
2.Revisão de literatura	13
3. Metodologia	17
3.1 Tipo de pesquisa	17
3.2 Técnicas de coleta de dados.....	17
3.3 Procedimentos de coleta de dados	18
3.4 Etapas da pesquisa.....	19
4. Análise de dados	20
4.1 O campo empírico	20
4.2 Identificação dos participantes	21
4.2.1 A inserção no curso CEV	21
4.2.2 Mudanças proporcionadas pelo CEV.....	23
4.3. Aprendizagens musicais no “Show viva”	24
4.3.1 Ser artista.....	25
4.3.2 Experiência artística	26
4.4 Perfil de formação dos alunos do curso CEV	28
4.4.1 Construindo o “ser artista”	29
4.4.2 Primordial para se constituir como um artista	30
4.4.3 Conhecimentos musicais	32
4.5 Ensaio	34
4.5.1. Logística, desafios, dificuldades e imprevistos nos ensaios.....	34
4.5.2 Ziza Fernandes como professora.....	35
4.5.3 Repertório, enredo e roteiro	38
4.6 Atuação no Show Viva	39
4.6.1 Primeira experiência no palco	39
5. Considerações finais	42
Referências	45
Apêndices	46

Introdução

No ano de 2013 fui convidado a representar a minha arquidiocese, de Uberaba-MG, na Jornada Mundial da Juventude que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Não pensei duas vezes para aceitar, mas o que eu não imaginava é que na cidade do Rio de Janeiro-RJ eu encontraria aquela artista que iria fazer total diferença na minha vida católica e, principalmente, na minha vida musical.

Na jornada vários grupos musicais do mundo todo apresentaram o seu trabalho, e aqui vale ressaltar os diferentes estilos, desde músicas reflexivas até o rock um pouco mais pesado, e foi justamente no palco central que surgiu a grande curiosidade de saber quem era o diretor de todo aquele projeto. Foi assim que a conheci, a cantora, compositora, escritora, musicoterapeuta, professora e produtora, Ziza Fernandes.

A cantora tinha sido convidada para dirigir toda a parte musical dos atos centrais da jornada e, então, todo o trabalho que eu estava encantado estava sob a orientação dela. E, para completar, todo o encantamento na noite da vigília, um dos últimos momentos da jornada, Ziza interpreta ao lado de Maíra Jaber (amiga) uma canção de sua própria autoria: “Meu Tudo”. Essa interpretação talvez tenha sido o que mais me marcou em todos os momentos vividos naquela cidade.

Em setembro do mesmo ano, eu e um grupo de amigos fomos ao Hallel (Festival de Música Católica, que acontece em Franca – SP) e, dessa vez, a cantora Ziza Fernandes estava no evento como atração e também ministrando palestras em alguns módulos (módulo dos músicos, por exemplo). Nós participamos dos módulos e também do seu show no palco central, e a partir desse momento, o meu contato com a cantora não parou.

Quando comecei a segui-la em suas redes sociais (*Facebook* e página do *Youtube*), descobri que em 2015 ela estaria ministrando um *workshop* na cidade de Ribeirão Preto, uma cidade do estado de São Paulo que fica a aproximadamente 200 km de minha cidade. Então, resolvi participar e foi nesse curso que comecei a me apaixonar pelo trabalho que ela desenvolvia dentro do ambiente católico.

Com muita curiosidade fui atrás dos trabalhos (cds, cursos, livros e etc.) que ela já havia produzido. O resultado foi surpreendente porque ela possuía um grande trabalho desenvolvido inclusive na igreja católica, e foi um dos fatos que mais me chamou a atenção e fez com que eu me interessasse em estudar todo esse trabalho. A seguir apresentarei quem é Ziza Fernandes.

1.1 Quem é Ziza Fernandes?

Jadair de Oliveira Fernandes, mais conhecida como Ziza Fernandes, atualmente é professora, cantora, compositora, escritora, mosaiquista, *youtuber* e diretora geral da “Oficina Viva produções” (produtora fundada por ela com a ajuda de amigos). A oficina atualmente está na cidade de São José dos Campos (SP), no Vale do Paraíba, cidade onde também vive a cantora. A “Oficina Viva” consiste em formar não somente músicos, mas pessoas que gostam ou sentem prazer pela arte. O curso recebe cantores, bailarinos, atores e outras pessoas que de alguma forma querem conhecer o que o Curso de Expressão Viva pode proporcionar.

Ziza possui 28 anos de carreira, com 13 cds solo, e participações em outros trabalhos de amigos cantores. Durante a sua carreira musical foi acompanhada por grandes amigos, mas em especial queria destacar dois deles: Pe. Fábio de Melo e Maninho. Ambos são cantores e compositores que sempre deram uma contribuição mútua, ou seja, eles se ajudavam na formação como cristãos e como músicos.

Um dos seus trabalhos mais conhecidos, além de cantar, é a formação humana e musical que desenvolve nos cursos oferecidos pela “Oficina Viva”, mais conhecido como CEV-Curso de Expressão Viva. O curso tem o objetivo de formar artistas que, na maioria das vezes, estão ligados à igreja católica e desenvolvem trabalhos ligados com a música, desde cantar em missa até em retiros e em grupo de orações, ou seja, toda e qualquer pastoral que envolva a música na igreja.

Atualmente Ziza trabalha como cantora e também como professora e missionária, levando às pessoas o seu exemplo de vida e também sua forma íntima de falar com Deus através da música. E ainda, como diretora da Oficina Viva, ministra

cursos pelo Brasil, incentivando as pessoas a conhecerem o seu lado não só musical como também artístico.

1.2 O que é o CEV?

O CEV (Curso de Expressão Viva) é um dos cursos oferecidos pela Oficina Viva, com o objetivo de formar integralmente o artista em suas 4 áreas de abrangência: artes visuais, música, dança e teatro. É dividido em 10 módulos com a aula inaugural, e ministrando um módulo a cada mês com um tema diferente. Cada módulo funciona em um dia, com intervalo somente para as refeições. Atualmente o curso é oferecido em duas capitais: São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ).

É importante dizer que o curso está dividido em 10 áreas de desenvolvimento, ou seja, 10 tópicos diferentes trabalhados com os cursistas com os alunos. São eles:

- Teoria musical básica: Trabalha-se noções básicas de teoria, como por exemplo: ritmo, harmonia e até mesmo leitura de partitura para facilitar assim o aprendizado com as leituras dos arranjos vocais que serão trabalhados dentro do curso.
- Técnica vocal e fisiologia da voz: Esta área está ligada diretamente com a voz, desta forma trabalha-se técnicas do canto erudito como técnicas do canto popular, tentando fazer a união desses dois estilos de cantar que parecem tão distantes.
- Performance solo e repertório para a interpretação: Esse é o momento em que os alunos serão ouvidos e também vistos em atuação. Esse processo é feito em forma de audição. Essa forma de seleção irá trabalhar com o desenvolvimento de cada um, e depois de muito treino buscar a evolução. O repertório trabalhado está baseado em músicas populares brasileiras, mas também músicas do pop americano.
- Harmonia vocal: Nesta área de desenvolvimento artístico o foco será o canto em grupo, principalmente por se tratar de um musical que será apresentado no final do curso. O principal objetivo é a timbragem das vozes para que cada um possa

entender a capacidade vocal do outro e, dentro desses diferentes estilos de cantar, chegar a uma emissão de voz mais homogênea.

- **Apreciação e execução de compositores brasileiros:** As canções selecionadas para esse procedimento são músicas com conteúdo rítmico harmônicos e poéticos, possibilitar um maior crescimento do aluno ao cantar essas obras. Os cantores estudados para essa apreciação e execução são, na sua maioria, cantores de música popular, com um repertório significativo dentro da MPB.
- **Promoção da estrutura psicológica do artista com temas de espiritualidade e formação humana:** Uma das áreas mais importantes, pois é através da musicoterapia que os alunos terão uma visão diferente sobre o que é a arte. É importante lembrar que eles recebem tarefas mensais para desenvolver em suas casas.
- **Tarefas mensais para a fomentação do estudo e melhora da cultura:** Como dito anteriormente, os alunos recebem tarefas para realizarem durante o mês em suas casas, apreciações de filmes, leitura de livros e etc. Ações que são bastante exigentes e que, com certeza, irão auxiliar diretamente na evolução do aluno durante o CEV.
- ***Pocket* viva mensal e live:** Essa área é baseada em uma entrevista que é transmitida ao vivo, e funciona como uma conversa (entrevista), com algum artista que fará uma ligação com os respectivos temas trabalhados durante os módulos. Diferente das outras áreas trabalhadas, essa é aberta ao público e possui a duração de 1 hora.
- **Produção, montagem e ensaio do Show Viva:** É o 11º módulo do curso, e funciona como uma preparação para apresentação do musical. Nesta fase os alunos terão que subir ao palco e mostrar ao público os resultados obtidos pelo curso, mas de uma forma bem artística seja cantando, dançando ou atuando. Os ensaios são programados desde os primeiros módulos do curso para que todos possam se programar.
- **Show Viva:** É importante a presença de cada aluno no show viva, pois é nesse momento em que o curso se concretiza. Os alunos atuarão de acordo com tudo que aprenderam durante o curso, funcionando como um fechamento prático de tudo que foi vivido.

1.3 Locus de estudo: O que é o Show Viva?

O Show Viva é um musical produzido dentro do curso CEV (Curso de expressão viva) com a finalidade de apresentar um resultado do que foi trabalhado com os alunos de cada curso. Após 10 módulos de curso os alunos se preparam e estudam diversas áreas relacionadas à música, e o Show Viva é um fechamento desse aprendizado.

O tema do Show é escolhido pelas pessoas que estão na organização, dentre elas, a cantora Ziza Fernandes (diretora geral da oficina viva), que atua como diretora geral. Os temas geralmente são ligados a princípios da fé, se diferenciando dos outros musicais por ser além de uma história inspiradora, uma história que trabalha também com a fé humana.

O repertório trabalhado nesses musicais possui muita música popular e também músicas católicas que ajudam a ligar a história que também é acompanhada de danças e cenas elaboradas e feitas por alunos do curso da oficina. Por exemplo: dentro de uma cena estão presentes 4 áreas das artes, os cantores cantam, bailarinos dançam, atores atuam, e toda a parte de cenário e pintura é preparada pelos artistas.

A partir das informações e relatos contados, elaborei a seguinte pergunta de pesquisa: Como foi desenvolvido o musical “Caminhos da Esperança” segundo a visão de participantes que fizeram o curso em 2018 e quais as relações de ensino e aprendizagem construídas no processo? Essa é uma pergunta que acredito ajudará a entender como foi construído o musical e, principalmente, a relação de ensino aprendizagem que existe dentro do curso CEV.

O objetivo geral desta pesquisa é: Compreender de que forma aconteceu a aprendizagem musical dos alunos no “Show Viva 2018: Caminhos da Esperança (CEVSP)”. E ligados diretamente a esse objetivo principal, meus objetivos específicos são: identificar o que leva os alunos a fazerem o CEV; verificar quais são as descobertas dos alunos após fazerem o CEV; averiguar a aprendizagem musical dos alunos no Show Viva Caminhos da Esperança (CEV); analisar a concepção do ser artista a partir da visão

dos alunos; verificar os aspectos de aprendizagem que os alunos vivenciam no ensaio para o Show Viva Caminhos da Esperança (CEV); examinar, a partir do relato dos alunos, a atuação no Show Viva e os seus impactos na formação dos participantes.

1.4 Justificativa

Após apontar os objetivos e um pouco do que me fez escolher esse tema de pesquisa, preciso contar um pouco da minha justificativa, razão que fez com que eu me interessasse por esse curso e esse musical.

Desde pequeno sempre participei da igreja católica e o meu olhar sempre se voltava para o lugar em que os músicos ficavam, era como se eu me sentisse atraído por tal lugar. O tempo passou e comecei a estudar violão com o meu avô; com ele aprendia música sertaneja e música popular brasileira, mas a minha maior vontade era tocar as músicas que eram cantadas durante as missas.

Após alguns anos, já no começo da minha adolescência, comecei a tocar nas missas, mas sentia dificuldade para tocar as músicas. O senhor com quem eu tocava não utilizava cifra, apenas colocava a tonalidade no início da música e, como eu não possuía um ouvido trabalhado harmonicamente, dificilmente conseguia acompanhá-lo em uma música inteira.

Depois de um ano insistindo comecei a dominar algumas músicas e tocar nas missas sozinho. Foi nessa época que ingressei no conservatório no qual tive um ensino um pouco mais completo relacionado à música (percepção, aula de instrumento e canto coral). Uma pergunta que sempre me fazia era como os músicos de igreja tinham aprendido aquele grande repertório, já que a maioria deles dizia que nunca tinha passado na porta de um conservatório.

Comecei a perceber que a maioria dos músicos havia aprendido música em casa e que não estudaram em uma “escola” específica; essa era a razão de o senhor que tocava comigo não ter a cifra completa em uma música. O seu ouvido estava acostumado a tocar os acordes de acordo com a música, e mediante essa habilidade desenvolvida nunca precisou procurar nenhuma escola específica de música.

Aos 15 anos comecei a frequentar outra igreja católica que era bem maior que a que eu participava. Porém, não possuía muitos músicos em relação à quantidade de missas. Foi quando eu decidi ensinar os meus amigos a tocar e até a cantar na igreja. Sempre entendi que uma formação musical dentro da igreja melhoraria não só a qualidade musical das missas, mas também dos retiros, etc.

Sem muito preparo para ensinar marcava com os meus amigos de irem para a minha casa. Foi aí que comecei a ensinar o que eu aprendia no conservatório; tanto o violão quanto o canto. Com isso despertei o interesse deles por aprender mais sobre música e se formar melhor como um músico católico.

A minha história fez-me querer pesquisar sobre a formação de músicos na igreja católica. O que eu queria entender era se somente a minha igreja não possuía formação musical ou se acontecia também em outras comunidades. Como esses músicos aprendiam e com quem aprendiam, e também se existia algum curso que formava músicos e artistas para a igreja católica.

Outro fator importante é que a maioria dos músicos acaba tocando em casamentos e em demais cerimônias católicas. Grande parte desses músicos são de outras religiões. Diante desse contexto, a dúvida que sempre tive consistia em saber o motivo pelo qual não eram os músicos católicos que tocavam nessas ocasiões. Desta forma, percebi que era por falta de formação musical, pois poucos músicos católicos possuíam formação para tocar, compreender a notação musical, disciplina para a técnica vocal, por exemplo. Portanto, deduzi que se os músicos católicos conhecessem algum curso talvez pudessem se especializar melhor e se dedicar aos estudos musicais.

Em busca de uma formação mais direcionada para o canto na igreja, como mencionado, fiz um curso de técnica vocal ministrado em Ribeirão-Preto SP por Ziza Fernandes no ano de 2015. Após esse curso fui procurar um pouco mais sobre o trabalho de formação musical que a cantora desenvolvia pelo Brasil com a sua produtora Oficina Viva. Além dessa formação presencial, pela internet conheci um pouco do trabalho desenvolvido pela cantora com músicos não só católicos, mas um trabalho totalmente voltado para formação humana e cristã.

Vale a pena ressaltar que esta pesquisa se voltará principalmente para músicos católicos que se interessem em conhecer como é realizado esse trabalho de formação proposto por Ziza. Os músicos, depois que conhecerem o trabalho, podem até

se interessar a fazer o curso e entender a importância que tem uma formação musical dentro da igreja católica.

Portanto, o trabalho pretende também mostrar aos músicos o quanto é bom ter uma formação aprofundada não só para cantores, mas para instrumentistas que atuam dentro da igreja católica. Dessa forma, tudo o que é desenvolvido na igreja em relação à música pode crescer muito e principalmente melhorar os ritos e as cerimônias dentro das igrejas.

2.Revisão de literatura

Para chegar até o atual foco desta pesquisa foi necessário buscar alguns trabalhos que tratassem sobre a formação musical dentro da igreja católica. Segundo Girardi (2015), no Brasil existem muitos estudos sobre a música evangélica e sua relação direta com a mídia, porém menciona algumas diferenças existentes entre as religiões, como um principal exemplo pode-se citar o nome de conceitos trabalhados dentro de cada igreja.

Girardi (2015) estudou a relação da música com a igreja católica e levantou várias perguntas: como se aprende nesse espaço? Como se ensina? E quais as concepções de ensino existentes? As perguntas feitas por ela vêm ao encontro da minha pesquisa, justamente por se tratar de dois trabalhos que analisam a formação musical dentro da igreja católica.

A metodologia utilizada por Girardi (2015) foi um estudo de caso. Ela utilizou as redes sociais para chegar a algumas pessoas que se interessaram em ajudar com sua pesquisa, respondendo questionários e talvez participando de entrevistas; o que será similar em minha pesquisa, especialmente por se tratar de um objeto que não está “próximo” a mim.

Os resultados da pesquisa de Girardi (2015) apontam que o ensino e a aprendizagem dentro das igrejas está, cada vez mais, sendo alvo dos estudiosos

brasileiros, com a intenção de analisar como tem sido o trabalho musical ligado à igreja católica.

Outro trabalho que retrata sobre a música na igreja é de Almeida e Kerr (2010). A intenção desses autores foi discutir sobre “Música brasileira na liturgia”, explicando como se aplicaria a música na igreja logo após o Concílio Vaticano II.

Até o Concílio, os termos música sacra, música de igreja, música religiosa eram intercambiáveis, prevalecendo, no catolicismo, música sacra. Após, somaram-se outros, por força da especificidade: música litúrgica, música ritual, música ritual cristã, música pastoral. É vigente a inconsistência terminológica devido à incompatibilidade entre a reflexão teórica e os aspectos operacionais neste campo (ALMEIDA e KERR, 2010, p. 10).

Após a análise do pensamento dos autores foi possível perceber que, antes do Concílio Vaticano II, existia apenas um estilo para a música católica, a música sacra, mas após a reunião e estudo sobre a música na igreja foi possível dividir a música em outros estilos, como citado anteriormente. Com essa divisão a música na igreja foi ganhando outras formas e características de composição transpondo o canto gregoriano e envolvendo vários estilos como rock, reggae, pop, etc., dentro da música católica. Ainda sobre o trabalho de Almeida e Kerr (2010), apresentam características positivas com a difusão da música dentro da igreja católica, bem como características negativas. Principalmente quando dizem que com a difusão musical iniciou-se o abafamento de algumas questões relativas à função ministerial da música sacra em contraponto com a difusão da arte musical na liturgia (ALMEIDA; KERR, 2010, p.18).

Para o meu trabalho a pesquisa citada tem sua importância, pois mostra que foi somente após o concílio que a música católica ganhou mais “liberdade” dentro da igreja católica e chegou a vários lugares, inclusive, cursos como o CEV (Curso de Expressão Viva). Concordo que com essa ampliação talvez a função ministerial da música dentro do rito tenha perdido sua função, porém tornou a missa entendível aos fiéis, fazendo com que eles não apenas assistissem à celebração, mas se tornassem participantes da mesma.

Trago como revisão uma terceira pesquisa, Souza (2001), que estudou os diferentes espaços da educação musical no Brasil. A igreja se enquadra dentro desses espaços por ser uma instituição que de certa forma produz um conhecimento aos leigos e leigas das pastorais. Na igreja seja através dos ensaios, prática musical em conjunto,

aulas, cultos, missas, roda de amigos, são muitas maneiras de aprender e ensinar música dentro das igrejas (GIRARDI, 2015, p. 24).

A igreja por ser um lugar onde as pessoas estão constantemente usando a música, seja para oração, ou para missa, culto, etc. não deixa de ser um lugar em que acontece a aprendizagem musical. É importante lembrar que cursos que relacionam a música com a igreja também funcionam como fonte de aprendizagem. Por isso concordo com Souza (2001) quando ela diz que o processo educativo pode ir além dos espaços escolares, valorizando assim outros espaços que também desempenham o mesmo papel das escolas, como por exemplo, a igreja católica.

Uma quarta e importante revisão a ser citada é o trabalho de DIENFENBACH (2012), uma pesquisa que trata sobre as “práticas musicais nos ambientes religiosos”, trazendo uma reflexão muito importante para o trabalho musical dentro da igreja católica ao longo dos anos. Ao dizer que:

A música sacra melhor expressada pelo estilo gregoriano tem a finalidade de aumentar a solenidade das celebrações sagradas e, assim seu objetivo é de incrementar de adequadas melodias o texto litúrgico. Desse modo, o seu fim próprio é acrescentar mais eficácia ao mesmo texto, a fim de que se motivem os fiéis ao arrependimento, e se preparem para receber o perdão, frutos da graça, próprios da celebração dos sagrados sacramentos. Deve ser santa, e, portanto, excluir todo o profano, mundano de suas letras e melodias. (DIENFENBACH, 2012, p 28).

Pode-se perceber, a partir do pensamento do autor DIENFENBACH (2012), que a música sacra tem um papel importante dentro da liturgia, pois é regida por um documento aprovado pelo vaticano que se preocupa com as músicas tocadas dentro dos ritos e cerimônias. O que é necessário pontuar, é que existem dois estilos diferentes na igreja católica, a música usada na liturgia, e a música usada em demais encontros e eventos da igreja. Vale ressaltar que esse estudo está voltado para a música católica usada na maioria das vezes para interiorizar e levar as pessoas à oração. São tocadas em retiro, grupo de oração, shows, ministração entre outros.

A música que é tocada nas igrejas de certa forma acaba fazendo parte do cotidiano e principalmente de nossas lembranças. É comum as pessoas se lembrarem das canções, cantar, e na maioria das vezes até realizar gestos relacionados com as músicas, pois certamente foram escutadas muitas vezes e acabaram se fixando na memória das pessoas.

Para Torres (2004, p. 64) a identidade musical, está ligada a uma autobiografia de cada pessoa, o que ela escutou muito enquanto criança e adolescente, de certa forma até perdura em sua memória. Muitas pessoas memorizaram canções de forma involuntária, de irem ao culto, missa, encontro, levados pelos pais acabavam aprendendo as músicas dos ritos e conseguiam cantar de cor. Nessa colocação a autora Torres (2004, p. 64) se aproxima muito do que é a história de várias pessoas que vão às igrejas, conhecem muitas músicas sem nunca terem escutado uma gravação ou áudio dos compositores. O que acontece é que muitas igrejas ainda não se preocupam em oferecer um curso que poderá expandir esse conhecimento transformando-o em uma formação musical.

3. Metodologia

3.1 Tipo de pesquisa

Este estudo foi desenvolvido valendo-se da abordagem qualitativa. Segundo Creswell (2007) a abordagem qualitativa usa diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados. Um procedimento qualitativo tem o seu foco em dados de texto e imagem, usam análise de dados e também várias estratégias de investigação.

A pesquisa qualitativa usa de muitas estratégias de investigação para que se consiga chegar até as respostas para as perguntas da pesquisa, como por exemplo, um estudo de caso, uma narrativa etc. Essas técnicas são escolhidas de acordo com o pesquisador e, principalmente, de acordo com o objeto de estudo e as possibilidades de chegar até ele.

Outro passo para se considerar uma pesquisa qualitativa é o da validação dos resultados. Após escolher estratégias, identificar o objeto, analisar dados, é necessário que o pesquisador mostre na sua pesquisa os caminhos que foram tomados para se chegar à conclusão. Apresentando os resultados obtidos é uma forma de comprovar como se chegou a certas conclusões. Para Creswell e Miller (2000, p 186), “A validade, por outro lado, é vista como um ponto forte da pesquisa qualitativa, mas é usada para determinar se os resultados são acurados do ponto de vista do pesquisador, do participante ou dos leitores de um relato”. A seguir será apresentado o processo sobre as coletas de dados.

3.2 Técnicas de coleta de dados

Para Manzini (2004), a entrevista semiestruturada ou semiaberta, é um dos caminhos usados para coletar dados em uma pesquisa qualitativa. São elaboradas as perguntas pelo pesquisador, pois ele terá um objetivo ao realizar as perguntas. O que acontece é que às vezes, durante a entrevista, surgem perguntas que não estavam

escritas ou pensadas anteriormente, e nesse caso, por se tratar de uma entrevista mais espontânea e aberta, as perguntas que forem julgadas como importantes para o projeto deverão fazer parte da análise do material.

Manzini (2004) afirma que, ao elaborar as perguntas do roteiro de uma entrevista do tipo semiestruturada, o pesquisador precisa começar com questionamentos básicos que estão ligados com o objetivo do trabalho, e ter atenção principalmente com a linguagem, e com a ordem das perguntas. Relata que a entrevista semiestruturada, mais do que uma forma de coletar dados, é um processo de interação entre pesquisador e pesquisado, interligado pela linguagem.

3.3 Procedimentos de coleta de dados

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, foram realizadas três entrevistas com alunos do CEVSP.

Os roteiros foram pensados e estruturados diretamente com cada objetivo específico da pesquisa, visando entender as perspectivas de cada entrevistado e desvelar de que maneira se deu sua inserção no curso CEV. Elas aconteceram após a elaboração dos roteiros, com uma duração de uma hora e meia cada uma. Foram realizadas através de ligação de vídeo por whatsapp, e outro aparelho de celular foi usado para gravar toda entrevista.

As entrevistas só se tornaram possíveis porque uma pesquisadora da Universidade Federal de Uberlândia conhecia um casal que já havia participado do curso CEV – SP e disponibilizou seu contato. No primeiro contato os indivíduos se sentiram receosos, com medo de suas informações serem divulgadas e expostas na íntegra, e assim, tirando a essência do que é trabalhado de forma tão intimista com cada participante. No entanto, ao explicar o motivo da pesquisa e como funcionaria e principalmente que suas identidades seriam preservadas, logo se prontificaram a responder as perguntas. Ao final da conversa, questionei se conheciam outros

participantes que poderiam ajudar, e então disponibilizaram o número de dois contatos. Destes contatos, apenas um se prontificou e ficou muito feliz com o convite.

Por se tratar de pessoas que moram em outras cidades os diálogos aconteceram via Whatsapp. Todo o material de pesquisa foi coletado e organizado de duas formas – registros de áudio e vídeo.

Em primeira instância o contato se deu através de vídeo-chamada por meio do aplicativo de comunicação e simultaneamente a gravação desses diálogos, para que, em seguida, acontecesse o processo de transcrição e então a organização e seleção das respostas que atendessem ao objetivo da pergunta.

3.4 Etapas da pesquisa

No primeiro momento foi feita uma pesquisa nas redes sociais não somente da cantora Ziza, mas também a página oficial da “Oficina viva”, de todos os vídeos que de alguma forma se relacionassem com o musical “Show viva 2018: Caminhos da Esperança”; vídeos que estariam relacionados com a divulgação, que apresentariam um pouco sobre a escolha desse tema para o musical, ensaios (se for possível) e, principalmente, a apresentação final, dia em que o musical foi apresentado.

Posterior à busca de informações e principalmente o conhecimento dos vídeos relacionados com o musical, iniciou-se o momento de elaboração dos roteiros de entrevista. A elaboração desses roteiros foi feita semanalmente e com perguntas que eu, como pesquisador, julguei importantes para o trabalho. Assim como em todos os roteiros de entrevistas, no primeiro momento foram feitas perguntas de cunho pessoal afim de estabelecer um vínculo com os entrevistados e quebrar a rigidez entre o entrevistado e o entrevistador.

Em seguida, as perguntas feitas foram divididas em tópicos que ajudaram a conhecer os participantes e também suas áreas de atuação tanto no “CEV” quanto no musical. As questões foram divididas em: definição, formação, atuação e um tema ligado diretamente ao objetivo principal do trabalho, música e igreja.

Após a realização das entrevistas, foram feitas transcrições, colocando no papel tudo o que foi dito e de forma especial o que foi relevante para o trabalho. Essas transcrições aconteceram no início de 2019, e somente depois das entrevistas escritas

corretamente, é que se deu a parte final da pesquisa, levando a conclusões relacionados com o tema. Cada resposta foi analisada de acordo com objetivo específico que se pretendia alcançar com isso, não foram todos os relatos que estiveram no trabalho e sim os julgados importantes para alcançar os objetivos.

4. Análise de dados

4.1 O campo empírico

Desde o começo deste trabalho, as pesquisas e estudos sobre o Show Viva foram intensos – conhecer o musical, o porquê do musical, as pessoas que atuam, as pessoas que dirigem, enfim, toda a equipe que está ligada direta ou indiretamente ao processo. Durante a coleta de dados foi possível perceber que existe uma forma de ensinar muito positiva dentro do curso, pois os alunos aprendem técnica e teoria que são usados por músicos profissionais. É possível ver o amor com que a equipe apresenta o musical, e mais do que isso, é possível ver que a maioria dos cursistas estão atuando na igreja católica.

O CEV tem desenvolvido um papel muito interessante e importante com os seus alunos e durante a pesquisa consegui, a partir do diálogo com os alunos, compreender um pouco mais sobre a aprendizagem musical dos mesmos.

Neste capítulo apresento as categorias da minha análise sobre os aspectos dessa aprendizagem musical, a partir do diálogo com 3 alunos do CEV de São Paulo – SP.

A seguir, apresento as características desses participantes.

4.2 Identificação dos participantes

Participaram deste estudo três alunos do Curso de Expressão Viva (SP). Para preservar suas identidades vamos trabalhar com nomes fictícios sendo eles: Beth, Calos e Dani.

Os participantes têm entre 35 e 45 anos, ambos fizeram o curso CEV – Curso de Expressão Viva – na cidade de São Paulo. Todos são atuantes na igreja católica, sendo que um dos participantes se encontra em processo de discernimento vocacional pela Comunidade Shalom¹, uma comunidade de vida e aliança.

É válido ressaltar que apesar de estarem no curso e participarem do musical, não trabalham como profissionais na área musical.

4.2.1 A inserção no curso CEV

Para entender melhor o processo de aprendizagem e as experiências compartilhadas pelos entrevistados, foi preciso saber quais motivos os levaram a fazer o curso. É importante informar que Carlos e Beth são casados e por isso a decisão para participar do curso partiu de ambos.

A respeito disso, Beth (2019) nos conta que:

Meu primeiro CEV foi em São Paulo. Eu era muito apegada à minha mãe e ela sempre foi um exemplo para mim, mas com o falecimento dela, eu precisava me reconstruir enquanto mulher, então entrei no curso mais pela formação humana, mas gostei muito de trabalhar a formação musical. (BETH, 2019)

Percebe-se assim, que com o abalo emocional ocasionado pela morte da mãe, Beth se sentiu desmotivada chegando a questionamentos sobre sua existência

¹ A Comunidade Católica Shalom é uma Associação Privada Internacional de Fieis, com personalidade jurídica, reconhecida pela Santa Sé com o decreto do dia 22 de fevereiro de 2007, junto ao então Pontifício Conselho para os Leigos (cujas competências e funções são atualmente assumidas pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida). Na mesma data, em 2012, seus estatutos tiveram sua aprovação definitiva. Presente em dezenas de países do mundo, a Comunidade Católica Shalom é formada por homens e mulheres que, na diversidade das formas de vida presentes na Igreja, engajam-se em uma vida comunitária e missionária com a finalidade de levar o Evangelho de Jesus Cristo a todos os homens e mulheres, especialmente aqueles distantes de Cristo e da Igreja. Disponível em: <<https://www.comshalom.org/comunidade/>> Acesso em: 08 Nov. 2019

humana. Foi então que se lembrou que sua mãe sempre falava sobre Ziza Fernandes e sobre o trabalho que desenvolvia dentro da igreja católica. Partindo disso, juntamente com seu esposo, foi atrás de informações sobre a cantora; o que despertou em ambos a vontade de fazer o curso.

A esse respeito Carlos (2019) complementa:

Nós resolvemos entrar juntos para nos reconstruímos como casal, ela se reerguendo enquanto mulher e eu para apoiá-la. Acontece que o curso é tão mágico que no meio você começa a gostar de tudo e quando vê já está envolvido com tudo, participando, se entregando e dando o melhor de si. (CARLOS, 2019)

Ambos procuraram o curso com o intuito de edificar sua formação humana, em busca de melhorar sua vida conjugal, mas no decorrer do processo se encantaram principalmente com a formação musical, ao ponto de despertar a vontade de subir aos palcos.

Dani (2019) traz consigo uma experiência divergente do casal, sobretudo quando diz:

Fiz o curso em São Paulo, não foi o meu primeiro CEV, eu fiz em 2013, 2016 e 2018. Um amigo me disse que era um curso para cantores que se chamava Voz e Expressão, eu não me recordo direito, mas não existia a oficina, existia a Ziza que dava o curso, o ano inteiro. Meu amigo me chamou para fazer um curso vocal e eu disse que iria porque estava precisando, mas chegando lá vi que era um curso muito mais amplo, pois além da parte vocal trabalhava também a formação humana. Então eu me descobri como uma artista também, antes eu só era cantora. (DANI, 2019).

Diferentemente do casal, ao receber um convite para fazer o curso, a intenção de Dani era buscar a formação musical. Porém, quando chegou ao CEV, se encantou também com a formação humana, o que segundo ela fez com que se tornasse uma artista completa. Pode-se dizer que na perspectiva dos três entrevistados o CEV é um curso completo, que trabalha o artista de forma integral, desenvolvendo o “ser” antes do “ser artista”, e desta forma possibilitando aos participantes uma dualidade de formação. Foi o que aconteceu com Beth e Carlos quando foram em busca de uma formação humana e se descobriram artistas. Por outro lado, Dani buscou formação musical e descobriu suas potencialidades.

Essas descobertas ocasionaram grandes mudanças em suas vidas, sendo de cunho pessoal e/ou profissional. A seguir eles relataram de maneira detalhada como elas aconteceram.

4.2.2 Mudanças proporcionadas pelo CEV.

Após entender o real motivo dos entrevistados procurarem o CEV e suas expectativas sobre o mesmo, o próximo passo foi descobrir o que mudou na vida de cada um depois terem feito o curso. Por se tratar de um curso com doze módulos, a experiência vivida foi significativa na vida de cada um. Nesse sentido, ao falar sobre elas, Beth (2019) evidência que “hoje eu faço propaganda para as pessoas fazerem o curso, porque é bom. E é bem aquilo, você não consegue dizer para o outro o quanto é bom.” E ainda complementa:

A experiência de cada um é singular, mas eu digo assim, o tanto que eu fui feliz lá, especialmente chegar ao final, ir ao palco era uma felicidade imensa, meu “carão” não mostrava, mas a sensação que me tomava, a simples lembrança é de um sentimento absurdo. Eu dizia para o Carlos o tempo todo, eu não vou subir no palco, vou ficar somente nos bastidores, mas isso foi só na metade do curso, porque depois que passou da metade não havia mais vergonha. (BETH, 2019)

À medida que o curso foi acontecendo Beth ficou cada vez mais desinibida e à vontade com o que aprendia, e assim ressignificando todas as questões conflituosas que haviam dentro de si. Carlos (2019) ainda nos revela que:

Beth havia perdido a mãe há pouco tempo, e a gente estava em um processo de ressignificar a vida [...] foi um período de reconstrução como mulher, então a medida que o curso acontecia ela estava reconhecendo um novo corpo e se aceitando nesse novo corpo. A gente já tinha conversado antes que seria um momento de entrega interior (cura interior), para ela enquanto mulher, e para nós como casal. (CARLOS, 2019).

Partindo disso é possível dizer que o curso contribuiu com descobertas que possibilitaram o casal ressignificar seus conflitos interiores e exteriores, o que propiciou um ano de superação.

Nesse sentido, Dani (2019) conta que muitas coisas mudaram:

A primeira foi com a minha identidade de mulher. Os livros, os filmes, mechem muito com a sua identidade, em seguida mexeu no meu casamento, e hoje mexe até na minha vocação espiritual, me fez pensar que eu preciso de uma vocação específica, me deu sentido da vida. Me fez olhar para mim primeiro como mulher e ter um cuidado a mais com a minha vida porque eu não tinha. Eu vivia por viver, não enxergava muito as coisas, então eu passei a enxergar a vida com outros olhos.

Percebe-se que para Dani o curso permitiu que tivesse muitos pontos positivos em sua vida, tanto no âmbito artístico como principalmente na sua formação humana. É evidente que o material apresentado pelo curso ajudou a entrevistada a repensar sua existência como mulher, como esposa e até a sua vocação enquanto serva da igreja. Desta forma, o CEV teve uma influência bastante significativa na vida de Dani. Ao compreender o impacto do curso na vida dos entrevistados, o próximo passo foi entender de que forma se dá a aprendizagem musical no “Show viva”.

4.3. Aprendizagens musicais no “Show viva”

Neste tópico abordarei os aspectos da aprendizagem presentes no musical “Caminhos da Esperança”. Após reunir e coletar as informações sobre os entrevistados, o intuito foi de reorganizar as respostas obtidas, para que em seguida pudesse chegar a uma conclusão de acordo com os objetivos da pesquisa.

O principal objetivo deste trabalho é compreender como acontece a aprendizagem musical dentro do “Show Viva: Caminhos da esperança”. Para isso foram realizadas três entrevistas com participantes do show. Através destas entrevistas foi possível entender como é formado todo o musical e principalmente como se dá a relação de ensino-aprendizagem presente no espetáculo.

A entrevista foi baseada em perguntas que estão ligadas diretamente a: Como se dão os processos de ensino-aprendizagem dentro do musical? Com essas perguntas, além de conhecer cada entrevistado, foi possível identificar o que foi aprendido durante o “Show Viva”.

4.3.1 Ser artista

Neste estudo, a primeira pergunta da pesquisa consiste em saber o que significa “ser artista”, para cada um dos participantes. Partindo do princípio de que todos os entrevistados estão ligados à igreja católica, as respostas foram, em sua maioria, voltadas para esse contexto religioso em específico.

Para Carlos, por exemplo, “ser artista é colocar seus dons e talentos a serviço do que você se propõe” e ainda acrescenta dizendo que: “o artista precisa mostrar sempre o mais bonito, ou seja, o mais belo”. (CARLOS, 2019). Assim, pode-se compreender que o artista, ao desenvolver uma função que lhe foi proposta, precisa se doar ao máximo, ou seja, se comprometer de forma verdadeira mostrando o que há de mais belo em si; tornando a sua atuação mais interessante.

Nesse sentido, Beth (2019) define que: “Artistas são pessoas que possuem dons que a gente entende por artístico, no sentido de cantar, interpretar.” Em contrapartida ela diz não se considerar uma artista, mas afirma que o curso ajuda muito nesse processo de construção da formação humana e artística.

Compreende-se assim que o processo de formação está relacionado às experiências e relações que o ser tem com a arte. O curso tem uma função mediadora neste processo, assim como o musical “Caminhos da Esperança”, porque a partir das relações interpessoais, em que há um encontro de participantes com uma formação mais sólida com pessoas iniciantes, acontece uma mediação que contribui de forma significativa para a aprendizagem.

Por outro lado, para Dani (2019), “ser artista” tem muito a ver com os dons que Deus nos deu e principalmente com os estudos e formações que realizamos ao longo da nossa vida. A participante da ainda a entender que é possível ter um dom e lapidá-lo, e diz que:

Para mim ser artista é uma missão, por um dom herdado e alguns adquiridos, acredito que todo artista é aquele que tem um dom artístico que pode ser nato (por natureza) ou adquirido por algum curso, no decorrer da vida, e que se torna

uma missão. Missão de vida porque quem é artista, se não exerce essa vocação, morre com o tempo. Portanto é uma missão, vocação. (DANI, 2019).

Identifica-se assim, que para Dani, há possibilidade de se ter um dom artístico, que se dá de uma forma “natural”; acredita-se que algumas pessoas já nascem com este talento. E há também alternativas para desenvolvê-lo, como por exemplo: cursos superiores e técnicos, aulas, oficinas, entre outros. Quando o tem é preciso exercer.

Após a coleta das respostas, foi possível perceber que todos os entrevistados falam de alguma forma que “ser artista” está atrelado a se dispor a serviço de algo ou alguém. Falam em dom, mas também de conhecimentos que podem ser adquiridos ao longo da vida. Neste sentido, é válido lembrar que as pessoas aprendem com o meio em que vivem, ou seja, existe uma relação do externo para o interno. Apesar de os entrevistados mencionarem a questão do “dom” percebe-se também por suas falas que qualquer pessoa é capaz de aprender música, através da busca de conhecimentos. Destaca-se também a questão cultural, que tem suma importância na formação do indivíduo. Em seguida será falado sobre a experiência artista de cada entrevistado.

4.3.2 Experiência artística

Nesse tópico, discorrerei sobre a opinião dos entrevistados acerca de sua experiência artística. Durante o processo de perguntas e respostas os envolvidos contaram suas trajetórias a respeito de como chegaram ao que são hoje. Alguns deles fizeram uma retrospectiva pontuando fatos interessantes que colaboraram para a sua formação.

Beth (2019) diz que durante sua vida não atuou muito como artista, mas que teve algumas oportunidades, entre elas o musical do ano passado, e acrescentou que terá a oportunidade de participar do musical deste ano. Ressaltou ainda que apesar de não ser solista em nenhum dos anos, ela está muito contente com sua função que é fazer a voz do coro.

No que diz respeito às experiências de Carlos, ele compartilha que:

As primeiras vezes que atuei como artista foram em apresentações da escola junto com os amigos ou para a igreja na encenação da paixão de Cristo. Considerando essas um tanto “amadoras”, o show viva foi algo mais profissional na minha opinião, não pelo fato de ser um espetáculo mais elaborado, e sim por apesar de todos serem amadores o esforço e compromisso que tínhamos, demonstrava o artista que existia dentro de cada um, o que resultou naquele belo espetáculo. Cada um assumia o seu papel na sua posição, o que fazia a diferença. Todos que estavam envolvidos tinham sua importância. E quando você assume o seu lugar independente de qual seja, começa a se transformar em um espetáculo independente do que você vai fazer. (CARLOS,2019).

Segundo o entrevistado apesar de ter participado de vários teatros e peças da igreja, o “show viva” foi um espetáculo que considerou profissional, talvez pelo fato de envolver uma produção com músicos profissionais e também que exigiu estudos aprofundados desde os aspectos musicais aos aspectos teatrais. Destaca-se que o entrevistado já atua como contador de história e trabalha com crianças, mas para ele o mais profissional e o que realmente fez com que se sentisse completo, foi a sua participação no musical “Caminhos da esperança”. Devido aos estudos intensos e principalmente ao ter que lidar com os seus medos relacionados ao palco.

Dani (2019) por outro lado, já atuou muito como artista, cita suas experiências e ainda discorre sobre sua vontade de participar ou não de outros meios artísticos. Respondendo se o Show Viva foi sua primeira atuação como artista ela diz que:

Não, não foi, na verdade eu participei vários anos do show viva. Meu primeiro ano foi em 2013, então naquele ano foi minha primeira experiência no palco, mas não foi minha primeira experiência como artista, porque desde a infância eu tenho algumas experiências: desfilava, dançava na escola, na igreja eu cantava e encenava, mas pisar no palco, participar de um musical, de algo assim com holofotes e tudo mais, a primeira vez foi no show viva. Não tenho nenhum outro meio artístico que pretendo atuar não, a minha meta é exercer melhor esses que já vivencio (DANI, 2019)

Com essas palavras Dani mostrou que já participou de outros eventos como artista, mas pontua que o musical foi para ela a sua principal atuação. Vale reafirmar que “Caminhos da esperança”, não foi o primeiro musical de Dani no show viva, pois a cantora já havia atuado em outros musicais ligados à oficina viva. A participante diz ainda que para ela não é interessante atuar em outros meios artísticos, como por exemplo, artes visuais, contação de histórias, dança, entre outros, e sim se aperfeiçoar nestes que fazem parte do seu dia a dia.

Analisando e comparando as respostas dos participantes foi possível perceber que os três entrevistados construíram uma vida artística bem distinta, talvez

por se tratar de lugares e vivências diferentes. Partindo disso, é válido ressaltar que, são essas experiências distintas que permitem diferentes tipos de bagagens e conhecimentos prévios. A respeito disso, Barbosa (2011, p. 66), aborda um tipo de aprendizagem como uma linguagem pautada no simbolismo:

Fundamentar-me nessa concepção de linguagem para compreender a música e seus processos de ensino-aprendizado significa, então, tomá-la como um sistema simbólico (ou um sistema de signos) cuja apropriação só é possível pela conquista da significação; sendo que esse processo de apropriação é, primordialmente, inter-relacional. A apreensão do sistema musical só pode ocorrer por meio de uma profunda e bem orientada imersão nos mais diversos gêneros e estilos de músicas, dos vários períodos da história, dos diferentes países, grupos étnicos, culturais etc., buscando desvelar-lhes, compreender-lhes os sentidos musicais em sua realização sonora concreta (BARBOSA, 2011, p. 66).

Com essa fala é possível perceber que mesmo estudando o mesmo conteúdo em um mesmo lugar e realizando as mesmas práticas musicais, os estudantes irão demonstrar e atuar de forma diferente com o público, pois as experiências musicais não dependem apenas do conteúdo estudado, mas também da vivência, contexto histórico e bagagem cultural de cada indivíduo.

A aluna Beth destaca que durante sua vida não teve muitas experiências artísticas, por esta razão, seu contato com o mundo da arte se dá de maneira superficial. Por outro lado, Carlos não tem de fato uma experiência profissional artística no ramo dos palcos, mas devido às apresentações e encenações feitas em ambiente escolar e religioso na sua infância, fez com que houvesse uma pré-disposição para o meio artístico, sendo hoje um contador de histórias. Em contrapartida Dani, de alguma forma, sempre teve contato com os meios artísticos desde a infância. E foi na sua fase adulta que, procurando aprimorar suas performances, investiu em cursos que deram subsídio para ser a artista que é hoje, como por exemplo, o curso de Expressão Viva (CEV).

Portanto, essas experiências, vivências e estímulos são de grande valia para a formação do artista.

4.4 Perfil de formação dos alunos do curso CEV

Após distinguir a concepção de “artista” de cada um dos entrevistados, é necessário conhecer o perfil de formação de cada um dos entrevistados, pois é importante lembrar que a nossa história e o nosso contexto social estão ligados diretamente com a forma como aprendemos e entendemos as coisas.

Neste tópico a intenção é saber na perspectiva dos entrevistados – como integrantes do curso CEV – de que modo se dá a construção do ser artista; O que eles de fato consideram primordial para essa construção e quais são os conhecimentos musicais que eles possuem enquanto artistas.

4.4.1 Construindo o “ser artista”

A principal finalidade deste tópico é saber o que os entrevistados estão fazendo para se tornarem artistas ou se realmente estão no curso para uma formação humana e para se encontrarem como pessoa. Para Beth (2019), a sua construção de artista se dá inteiramente no curso CEV, como já é o seu segundo ano de curso, e por conhecer as estruturas e o módulos que serão apresentados isso a deixa um pouco mais tranquila. Ela confessa que mesmo o curso sendo o único meio de um estudo artístico, ainda não está realizando as tarefas de forma correta e nos prazos definidos. No entanto, ressalta a importância de estudar todo o material passado em áudio, partituras, livros didáticos e filmes. Beth reforça que entrou no curso para se preocupar mais com sua formação humana. Então, segundo ela, é o seu maior foco, mas não desconsidera o fato de gostar muito de participar e fazer parte do musical no fim do ano.

Por outro lado, Carlos (2019) afirma que o curso tem sido muito importante para a sua vida e principalmente por ajudar em sua carreira de contador de história. O entrevistado destaca a roteirista que segundo ele, contribuiu muito para suas técnicas no palco e também para a vida. “Ela, trabalhou com o “simples” e através do simples conseguiu montar toda a história de uma forma empolgante e atraente”. (CARLOS, 2019) Para Carlos conseguir prender atenção do público durante todo o espetáculo foi sensacional. Como término de sua fala ele menciona que com certeza o seu lado artístico está sendo bem “moldado” pela equipe do curso CEV.

Segundo Dani (2019) a construção como “artista” não pode parar, e é por esse motivo que ela destaca todos os cursos que já participou e principalmente o que faz até hoje buscando essa formação. Ela chama essa construção de um trabalho árduo e contínuo, e nesse sentido reforça:

É um trabalho árduo e contínuo, nunca terá fim, pois o artista precisa de vida, precisa de recursos para viver. Atualmente não estou estudando, eu faço uma formação pela comunidade shalom, que não é do meio artístico, mas me forma como pessoa, e me dá bagagem para o ser artista, mas eu já fiz o curso da oficina que é o expressão e voz, também fiz o “cena viva” (um curso voltado para teatro que o ano passado se chamava “teatro viva”) não me recordo de outros cursos que eu tenha feito, mas qualquer convite eu aceito. (DANI, 2019).

Ao apresentar um pouco de seu trabalho como artista, Dani menciona uma experiência intensa ao lado da Comunidade Shalom (Comunidade de Aliança e Vida do meio católico).

E para concluir a artista diz que mesmo quando não está inserida em algum curso, ela procura sempre prestar atenção no “como” está cantando, ou seja, tomando cuidado com sua voz e com suas práticas dentro de um determinado evento. “Cada vez que eu canto, estou sempre me aprimorando” (DANI, 2019). Este ato nos permite ver que mesmo não estudando a partir de cursos e oficinas, é possível se policiar e se autoavaliar, prezando pela qualidade de seu trabalho, o que se torna um diferencial no artista que o faz.

Partindo dessa fala, percebe-se que existem deveres e afazeres que ajudam no processo de construção e formação artística que partem do individual. Diante disso, a seguir eles trazem aspectos que julgam importantes para esse processo.

4.4.2 Primordial para se constituir como um artista

No que diz respeito aos aspectos fundamentais para o processo de formação de um artista, Beth, Carlos e Dani trazem questões relacionadas a formações qualificadas, vocação e pré-disposição.

Beth diz que no começo acreditava que era necessário nascer com um dom ou até uma pré-disposição para ser artista, mas segundo ela durante o curso, Ziza Fernandes apresenta que para se valer de algumas habilidades você precisa criar

roteiros, ter informação, ter embasamento para que aconteça de forma segura. Deste modo o curso apresenta vários filmes, documentários e partituras que te ajudam a criar uma bagagem artística significativa. Termina dizendo: “Não é que teu diploma te valide, mas quando você sabe, basta colocar em prática” (BETH, 2019). Percebe-se assim que uma pessoa sem conhecimentos teóricos pode apresentar dificuldades na prática e/ou no ensino a outras pessoas por falta de embasamento, que de forma significativa auxiliam e dão suporte à prática.

Enquanto Beth desmistifica a questão do “dom”, Carlos (2019) traz uma ideia diferente, quando diz:

Eu acredito que existe uma parcela muito grande nisso tudo que é chamado de dom, não adianta eu dizer para você que eu vou ser um belo tocadador de instrumento se eu não sei nem tocar panela, um percentual considerável tem que ser dom, tem que nascer e ser alimentado dentro da infância muitas das vezes. Mas todo mundo é capaz de aprender alguma coisa, ser bom naquilo que faz, vai depender do quanto que você se desdobra pelo conhecimento que você pretende buscar então, a formação do artista. Na minha opinião estará sempre atrelada as coisas e aos meios que ele busca experimentar, em termos de mídias, culturas e etc. vai sempre depender da cultura que ele vive e suas experiências culturais. A formação do artista sempre estará ligada com as raízes que ele busca no meio que ele vive. O que o artista não pode é estagnar dentro daquilo que ele tem como arte. Uma vez que ele começar a adquirir novos conhecimentos isso o ajudará a desenvolver melhor aquilo que ele pratica. É valido sempre a formação (BETH, 2019).

Com essa fala percebe-se que Carlos acredita que o primordial para se constituir um artista talvez seja nascer com algum dom ou uma pré-disposição para algum instrumento. Porém, em seguida, ele diz que todo mundo é capaz de ser bom em algo que faz, mas depende do desdobramento e da dedicação da pessoa. Segue dizendo que o “artista” necessita de formação, de conhecimento, para que cada vez mais possa se aprimorar e jamais ficar estagnado com o seu dom ou se contentar com o pouco que foi aprendido.

É importante ressaltar a fala de Carlos, pois qualquer pessoa é capaz de tocar algum instrumento se houver dedicação e comprometimento, mas quando se fala em “dom” entramos em um paradigma muito discutido.

Dani, com suas palavras, se identifica muito com a resposta de Carlos, porém ela leva para um lado mais artístico e se preocupa especialmente com a imagem que o artista irá passar para o seu público. Principalmente quando diz:

Para mim, é atender os chamados e a vontade de Deus, claro estudando muito, se dedicando e sempre buscando novas formas de conhecimento. Às vezes nascemos com pré-disposição para algumas coisas que fazemos, mas é preciso sempre estudar e ter muita humildade com as pessoas para que assim você seja um artista belo e verdadeiro. (DANI, 2019).

Com um pensamento mais amplo, percebe-se que a última entrevistada, além de trazer questões relacionadas ao divino e à busca de conhecimentos, se preocupa também com a imagem que o artista passa, o que conseqüentemente reflete na relação que o mesmo terá com o seu público. É preciso que, além dos cursos que o artista faz, dos espetáculos que ele apresenta, dos conhecimentos que tem e da bagagem que traz, que o artista tenha uma postura pautada na simplicidade e não usar desta bagagem para se sobressair acima dos outros.

Após entender o primordial na percepção dos entrevistados para ser artista foi necessário entender se os participantes já possuíam domínio do conteúdo musical, e se o curso em sua ementa oferece ensino sobre esse domínio.

4.4.3 Conhecimentos musicais

A próxima pergunta foi baseada nos conhecimentos musicais que os participantes possuíam e também no material que era disponibilizado pelo curso. O intuito era entender como eles conseguem aprender as músicas, os textos, e a marcação de cena para o musical, considerando que alguns participantes eram leigos e não se consideravam artistas.

Para Beth, as aulas com o professor são de suma importância para entender a matéria sobre partituras e aspectos musicais. Ela afirma que não sabe altura ou tonalidade que está cantando, mas consegue acompanhar a turma através do ouvido. E termina dizendo que a leitura musical não é primordial para a participação musical, pois mesmo não tendo esse domínio, ainda é possível sua participação.

Carlos responde de maneira condizente quando diz que a leitura musical não é o mais importante para cantar no espetáculo, com muito estudo, cantando e repetindo várias vezes, é possível aprender as canções. Normalmente no musical os grupos não cantam sozinhos, apenas os solistas são escolhidos durante o ano, e segundo Carlos,

esses sim precisam dominar a leitura e aspectos musicais. “O ponto chave para que o musical aconteça são os ensaios, pois mesmo sem conhecer as notas, de tanta dedicação conseguimos cantá-las” (CARLOS, 2019). Nessa perspectiva, entende-se que o domínio da leitura musical não se faz necessário quando se trata de uma participação no coro, mas quando a função é de solista precisa sim de mais experiência. Por outro lado, destaca-se que se todos os integrantes dominassem a leitura de partitura, com certeza o aprendizado se daria de forma mais simples, possibilitando maior produtividade durante o processo de preparação.

Enquanto os outros dois participantes não possuem o domínio da leitura musical, Dani consegue ler as notas, principalmente a parte vocal. Com isso, ela compartilha:

Eu tenho pouco conhecimento. Leio partitura, somente a parte vocal, não sei cifra, não sei nada de teoria musical, o pouco que eu aprendi foi no curso da oficina viva, no CEV. Mas acredito que sei pouquíssima teoria, sei mais a prática e por ser autodidata, procurei aprender sozinha. Para participar, eu precisei estar disponível para exercer alguma função no musical em si, colocar em prática tudo que eu aprendi no ano, porque no próprio curso da oficina do expressão e voz você aprende no decorrer do ano tudo que precisa para subir no palco (DANI, 2019).

Para a participante subir ao palco e cantar não é uma tarefa fácil, mas todo o suporte teórico e prático é ensinado durante o ano pela equipe que realiza o curso e foi em função desses ensinamentos que Dani conseguiu participar do espetáculo. O interessante é que ela também destaca que para conseguir uma boa atuação você precisar estar disponível a aprender o que está sendo proposto.

Atualmente, as tecnologias já estão inseridas nas questões educacionais, sendo recursos para o ensino-aprendizado. De acordo com todos os entrevistados, o curso CEV também utiliza esta ferramenta como auxílio na prática metodológica/pedagógica. Beth (2019) reconhece que esses recursos ajudaram muito. Carlos (2019) evidencia que os professores indicavam filmes, livros e até versões de músicas para contribuir nos estudos e principalmente memorizar cada canção. Contavam também com “Instagram, Youtube, internet e alguns sites formativos”. (DANI, 2019). Percebe-se assim que os meios de comunicação hoje são essenciais para a vida humana, se fazendo presentes em todos os âmbitos, seja na escola, instituições

religiosas, hospitais, entre outros; qualquer lugar que existe a necessidade de comunicação.

Desta forma o CEV, por se tratar de um curso que está disponível em apenas duas capitais brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro), recebe pessoas de outros lugares que não residem nessas cidades, portanto, os meios de comunicação são essenciais para disseminar o material para estudo e fomentar as aprendizagens. Outro aspecto analisador foi o de saber como aconteciam os ensaios.

4.5 Ensaio

Os ensaios são primordiais para a lapidação de um espetáculo, pois são nestes momentos que toda a organização irá se preocupar com a logística e adaptações necessárias para que aconteça uma boa apresentação. Desta forma, o intuito deste tópico é desvelar como acontecem os ensaios, visando entender os desafios, a dinâmica, relação atuar/cantar e também a integração entre os participantes e saber dos entrevistados a sua relação com a professora e fundadora do curso, Ziza Fernandes.

4.5.1. Logística, desafios, dificuldades e imprevistos nos ensaios

Carlos (2019) e Beth (2019) contaram que “os ensaios começaram no fim de agosto para o espetáculo em novembro; a princípio não se tinha um lugar específico para ensaiar porque o palco do evento mesmo você só conhece no dia.” Isso pode acarretar certa insegurança por não saberem de fato como é o espaço e gerar dificuldades na marcação de palco, espaço para os movimentos, questões técnicas, etc. Trazendo mais detalhes sobre como eram os ensaios Dani (2019) evidencia que:

Os ensaios são o carro-chefe para o musical dar certo no final. Eram a cada 15 dias ou uma vez por mês. Quanto às músicas e aos arranjos, o professor já começa no terceiro mês de curso a passar e ensinar. Então quando chegam os ensaios todo mundo já sabe bastante coisa. É muito conteúdo para estudar então tem que se dedicar, para que quando chegar no período de ensaios, já estar com

os arranjos de ouvido prontos, porque é muita gente e na hora da execução não rola querer aprender no ensaio. É necessário tirar as músicas em casa, nas aulas, para no ensaio o professor apenas ajustar o que está pronto de harmonia. (DANI, 2019).

Com essa fala Dani (2019) traz uma característica que acontece em vários contextos, principalmente quando evidencia que os ensaios acontecem para que haja ajustes em relação ao espetáculo e dando importância à necessidade de se dedicar e estudar em casa. Dani (2019) expôs que sua dificuldade era a maneira de se locomover para os ensaios e ainda ressaltava os problemas que podem acontecer caso se ausente dos ensaios:

Nos dias que eu não ia para o ensaio sentia falta, quando chegava no próximo, pensava “nossa perdi isso tudo” (geralmente já havia uma música ou uma posição ajustada). Em todos os ensaios haviam ajustes sobre quem canta o que, as posições dos atores, a harmonia. E se você faltar em algum ensaio quando chega no próximo você sente a diferença (DANI, 2019).

Apesar de os entrevistados terem feito o mesmo curso, na mesma cidade e participado do mesmo musical, as respostas não atingiram o propósito da pergunta. O casal Carlos e Beth levaram a pergunta para outro sentido falando de projetos que aconteciam dentro dos ensaios deixando de trazer as características específicas de ensaio; como por exemplo: desafios, dinâmica, acontecimentos, entre outros. Dani (2019), por sua vez, contempla essas informações em suas respostas, possibilitando que seja possível entender como realmente eram.

4.5.2 Ziza Fernandes como professora

Jadair de Oliveira de Fernandes conhecida como Ziza Fernandes, possui vários campos de atuação artística (cantora, compositora, escritora, professora, produtora entre outros). E por se tratar de uma artista que se destaca no meio católico, o intuito dessa pergunta foi saber como os participantes conseguiram desmistificar a cantora como artista e conseguir vê-la como professora do curso CEV.

Diante do exposto a respeito da vida da cantora e, sabendo que Beth (2019) conhecia Ziza apenas como artista, logo depois de conhecê-la como professora ela revela que:

Hoje eu admiro a Ziza muito mais como professora do que como artista, por assim dizer cantora. Gosto das músicas, vou aos shows, mas acredito que o que ela se propõe a fazer como professora nessa formação humana, faz muito bem feito. Se você mirar artista você não irá absorver tudo aquilo que o curso te propõe. (Beth, 2019).

É preciso lembrar que a arte não está presente somente nos palcos, e que existem muitos artistas que atuam como o mediador, ou seja, aquele que irá levar o “ser” a se construir como artista. Este é o papel do professor que além de conhecer os caminhos e as técnicas para se tornar artista trabalha de forma integral com o seu aluno para que o mesmo se sinta realizado.

Desta forma alguns artistas estão diante dessa dualidade de atuar como cantores nos palcos, mas além disso exercem outras funções que não estão ligadas diretamente aos palcos. Alguns exemplos importantes são: Pe. Fábio de Melo, que além de cantor e padre, atua como escritor e apresentador; e também o cantor Maninho, que além de músico e médico, atua como produtor musical.

Pautando nessa mesma perspectiva de saber separar o “ser artista” do “ser professor” Carlos (2019) fala a respeito disso, trazendo a informação de que é algo que parte da própria cantora:

Quando ela chama os alunos pela primeira vez inicialmente ela fala “Deixa a Ziza lá fora, por que aqui dentro é a Jadair; A Jadair vai dar bronca vai chamar a atenção, vai puxar a orelha, vai fazer o que tem que fazer. Não é para ficar tirando foto comigo não porque aqui eu não sou artista e sim professora”. (CARLOS, 2019).

Por ser um curso de formação humana, acredita-se que Ziza faça isso no CEV porque do contrário as pessoas confundem o profissionalismo do curso com a cantora, e certamente não entenderão qual é o papel dela. Carlos (2019) evidencia as atividades e estudos que Ziza desenvolve quando aponta que:

Ela é muito completa, ela fez por muitos anos terapia e ainda faz. Ela tem uma linha de logoterapia, ela fez como formação musicoterapia e agora faz o mestrado na área de psicologia, então ela já trabalha a música atrelada a terapia, na parte de formação humana ela se aproxima cada vez dessa questão

psicológica, que é a veia dos cursos da oficina para a formação do artista no geral. (CARLOS, 2019).

Este é um curso para você entrar focado na sua própria formação, porque se começar a vê-la muito como artista focando apenas em seus trabalhos e estudos, pode acabar achando que este é um lugar intocável, uma posição quase impossível de se chegar, o que na verdade não é bem assim, pois Carlos (2019) afirma que no curso ela é totalmente acessível, e está no meio envolvida. Justamente para dizer que está de igual para igual com você e que está te preparando para ser o melhor que você tem como artista. Dani (2019) diz que enquanto teve Ziza como professora foi um “Momento Ziza forever!”. E que em 2013 quando conheceu a oficina, ter a Ziza Fernandes como professora foi uma descoberta para ela, porque não sabia quem era a Ziza.

Apesar de Dani estar no meio católico, nas missas e até mesmo cantar músicas que são da Ziza, ela não a conhecia. Não havia visto a cantora na televisão e nem em imagem. Então, quando a chamaram para fazer o curso que seria ministrado por Ziza Fernandes, logo aceitou mesmo não a conhecendo.

Cheguei no curso sem saber quem era a cantora e me apaixonei por ela como professora, pois a minha primeira experiência com ela foi esta, e somente depois que fui virar fã, escutar as músicas (apesar que tem várias canções que ainda não conheço) mas logo depois não consegui mais ficar sem. E por esta razão fiz o curso umas três vezes. E a conheci como formadora e como professora. Ela me salvou em muitas áreas da vida. (DANI, 2019).

Com essa pergunta foi possível notar que Beth (2019) e Carlos (2019), conheciam em primeiro lugar Ziza como artista, pois acompanhavam sua carreira através dos meios de comunicação e também em suas atividades realizadas na igreja, mas para Dani (2019), o nome da artista era completamente novo quando a conheceu em 2013. Ela conta que apesar de cantar algumas músicas da cantora não a conhecia e o seu primeiro contato foi de aluna/professora.

Percebe-se que apesar de os entrevistados conhecerem Ziza de formas diferentes (artista e professora) no primeiro momento, não atrapalhou de forma nenhuma o desenvolvimento para o curso, pois todos afirmaram que a artista além de realizar outras funções é uma excelente professora e está sempre disponível aos alunos do curso.

4.5.3 Repertório, enredo e roteiro

Neste tópico selecionei uma das respostas dos entrevistados para descrever o enredo, o repertório e o roteiro do musical.

Beth (2019) conta que o musical “Caminhos da esperança” retrata a história de uma comunidade chamada, “fazenda da esperança”, a história dos fundadores e como aconteceu. Trata-se de dois rapazes, o Neco e o Tony. Eram colegas de cidade do interior e um deles (Tony) se envolveu com drogas. Neco é o fundador e sempre foi aquele menino certinho, estudioso, obediente e acolhedor. Apesar do Tony ter se envolvido com as drogas, Neco era uma pessoa que sempre se preocupou com os usuários e moradores de rua, quando os encontrava, parava, conversava e acolhia. Certo dia Tony pediu a bicicleta do Neco emprestada para dar uma volta e a partir deste momento os dois se conheceram. Então, toda a história está atrelada a uma bicicleta.

Tony vendia bala no farol para ajudar sua mãe e chega um momento em que ele está vendendo bala no farol, quando um traficante oferece drogas e então começa o vício. Certo momento a mãe de Tony é presa no lugar dele, porque ela esconde o pacote de droga ao tentar defender o filho. Em uma tentativa de roubo de um celular, Tony foi preso e parar no mesmo presídio que a mãe. Em uma rebelião a mãe dele morre, deixando-o sozinho no mundo.

Em um determinado momento Tony novamente pede a bicicleta de Neco emprestada com más intenções e lembrando de todo voto de confiança do seu amigo ele não cai nessa tentação. A história conta que o Neco tinha muita amizade com o frei Ranz, então eles conversam com o frei, e Tony fala que não pode ficar sozinho em nenhum momento. Então o frei começou a acompanhar Neco para ajudar Tony e foi a partir daí que nasceu a fazenda. Com isso, os internos não ficam sozinhos na fazenda e hoje contam com a ajuda da equipe. As músicas não são todas católicas, tem muitas músicas do MPB, secular, músicas conhecidas, como por exemplo, Chitãozinho e

Xororó. Os internos durante o musical cantaram e encenaram com a gente, pois conheciam as músicas.

Após o relato, percebe-se que o musical está ligado a alguns princípios presentes na igreja católica, como por exemplo, o perdão, a fé, a confiança, a caridade entre outros. Partindo disso, e do contato com os entrevistados, percebi que a maioria dos integrantes do musical atuam de forma significativa dentro da igreja católica e estão ligados à alguns ministérios; atuam em missas, retiros, grupo de oração, encontro de casais dentre outros.

4.6 Atuação no Show Viva

O Show Viva é o último módulo do curso. Então, espera-se que neste momento os alunos já tenham certo embasamento teórico que os tornam capazes de exercer suas funções. Para isso, é necessário que haja uma carga de conhecimentos de como se portar em um palco, como ter domínio corporal e vocal, entre outros. Desta forma, um questionamento importante para entendermos a atuação dos participantes é sobre sua primeira experiência nos palcos.

4.6.1 Primeira experiência no palco

Sabe-se que a primeira atuação em um palco, é sempre um grande desafio para artistas, justamente por se tratar de uma experiência na qual as pessoas irão te assistir. Desta forma os entrevistados responderam como foram as suas experiências, expectativas e desafios enfrentados.

No que diz respeito aos preparativos para subir ao palco e em como os participantes se sentiram diante disso, Beth (2019) começa dizendo que:

A formação faz um conjunto que te leva com muita segurança, então um risco que a gente corre é subir relaxado. Por outro lado, se você estiver muito tenso, pode ser que não demonstre o seu melhor. Em termos de show viva eu diria que não houve dificuldades. Talvez a interpretação possa ter sido uma dificuldade, mas com a ajuda da professora consegui me sair bem (BETH, 2019).

E ainda traz uma característica de suma importância para qualquer tipo de atividade realizada em palco: “Eles diziam que os movimentos precisavam ser grandes para que todos que estivessem no teatro pudessem enxergar, não só a voz, mas também os movimentos”. (BETH, 2019). Com essa fala, Beth (2019), evidencia que o curso os prepara de uma maneira integral, segundo ela os recursos e a forma que as aulas são ministradas auxiliam de uma maneira significativa na atuação; e ainda destaca a importância da professora ao ajudar com suas dificuldades de interpretação. Carlos (2019) revela que tinha ansiedade e que a todo o momento queria saber como seria, mas os organizadores sempre diziam “calma, pode ficar tranquilo”, e aos poucos essa ansiedade foi sendo trabalhada durante o curso. Dessa forma ele percebeu que:

O curso nos prepara a todo o momento para esse ato, então quando estamos lá, é subir e fazer o que já estávamos habituados. No dia a dia vão passando mensagens subliminares. Quando vai chegando perto do espetáculo você percebe que tudo o que foi aprendido durante o curso estava sendo aplicado: a respiração, a técnica corporal. Às vezes os alongamentos e aquecimentos eram algo comum para o momento ou situação, mas na verdade já era toda uma preparação para o dia do musical. (CARLOS, 2019).

São estes exercícios que, se feitos diariamente durante o período de preparação para o palco, darão suporte durante a atividade que será realizada. Exercícios de respiração, alongamento corporal, articulação facial, entre outros, têm a capacidade de nos preparar e condicionar o nosso corpo para determinados fins, possibilitando-nos de ter certo domínio das emoções e do corpo. E “então quando se chega ao musical você está totalmente seguro, pois na hora de atuar você percebe que tudo aquilo que precisa para estar ali, já está preparado”. (CARLOS, 2019).

Quanto à experiência de Dani (2019), ela conta qual foi sua dificuldade e quais são os maiores desafios,

A primeira vez foi realizadora, quando eu pisei no palco eu senti que foi para isso que nasci. A maior dificuldade é o medo de errar. E o desafio é me preparar. Sempre é um desafio estar pronto para subir. É um desafio gigante você estudar vocalmente, memorizar as falas, saber por onde entrar, por onde sair no palco, o que fazer agora, como se posicionar, qual cara eu tenho que fazer para determinada cena, como que eu vou responder com outro que vai estar do meu lado. (DANI, 2019).

E ressalta dizendo que o maior desafio na verdade é aprender qual é o seu lugar, como administrá-lo enquanto tempo e espaço e a maneira como “todo esse quadro mágico que funciona no palco”. (DANI, 2019)

Com as falas dos entrevistados foi possível perceber que tinham medo de errar e também um pouco de insegurança para subir ao palco. No entanto, para Beth (2019) e Carlos (2019), o preparo e todo o material usado no curso, deram segurança aos participantes, deixando-os totalmente confiantes e preparados para o momento de atuação.

Por outro lado, Dani (2019) respondeu essa pergunta analisando as dificuldades para um lado mais artístico, quando em sua fala traz obstáculos que todos os artistas atravessam durante o espetáculo (memorizar falas, estar preparado vocalmente, posicionamento e marcação de palco). Para ela, administrar todo o espaço foi o maior desafio enfrentado.

5. Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender como acontece a aprendizagem musical dentro do “Show Viva 2018”.

Afim de entender como isso acontece os objetivos específicos foram: identificar o motivo que leva os alunos a fazerem o CEV; verificar quais são as descobertas dos alunos após fazerem o CEV; averiguar a aprendizagem musical dos alunos no “Show Viva Caminhos da Esperança (CEV); analisar a concepção do ser artista a partir da visão dos alunos; examinar, a partir do relato dos alunos, a atuação no “Show Viva”; verificar os aspectos que os alunos vivenciam no ensaio para o “Show Viva Caminhos da Esperança (CEV).

A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, através da utilização como estratégia de investigação da entrevista com pessoas que participaram do show viva 2018. A coleta de dados se deu de acordo com as informações a partir do diálogo com os alunos do CEVSP, momento em que pude obter as respostas dos entrevistados. Para a análise dos dados, parti de princípios que foram condizentes para fundamentar os objetivos que busquei alcançar.

Cabe ressaltar que os participantes desta pesquisa foram pessoas que possuem vivências artísticas, mas que não atuam como profissionais da música, que têm entre 35 e 45 anos, e que já fizeram o curso CEV. Suas identidades foram preservadas e por isso utilizei nomes fictícios, sendo eles: Beth, Calos e Dani.

Vale lembrar que o curso CEV oferece formação musical e humana, se preocupa com a formação integral do artista. Os entrevistados foram em busca de apenas uma das formações, mas se tratando de algo que o curso oferece de forma conjunta, o resultado foi que todos os participantes conheceram as duas formações e entenderam as contribuições que essa dualidade causa. Partindo desse fato, as transformações em suas vidas foram significativas. O casal Beth e Carlos, por exemplo, puderam ressignificar suas vidas através dos valores trabalhados no curso. Já Dani, ao entender a sua importância como “ser humano”, foi à procura de outros cursos que ajudaram a trabalhar esse discernimento vocacional.

Quanto à aprendizagem musical, foi levado em consideração o que é ser artista para os entrevistados e foi possível perceber que eles atribuem o ser artista ao

ser disponível e ainda associam que pode estar relacionado com algo nato. Trazendo à tona o paradigma de dom x experiências, e indo além, em alguns pontos se contradizem ao dizer que cursos e aprendizados são importantes para essa formação artística. Suas experiências antes do curso CEV são informais, do cotidiano, e todos tratam o musical como um espetáculo mais próximo de algo profissional.

Para essa constituição artística os entrevistados dizem ser importante estar no curso CEV e utilizar seus materiais que são disponibilizados. Evidenciam que o estudo tem extrema importância e quando não se tem a possibilidade de fazer outros cursos é preciso fazer uma autoanálise a fim de melhorar sua performance. É importante ressaltar que apesar do curso ensinar leitura musical, os entrevistados alegaram não ter o domínio total desta habilidade, mas acreditam que mesmo com a dificuldade de leitura, é possível participar e realizar as atividades propostas para o coro, pois estando nos ensaios e estudando os áudios isso se torna possível, uma vez que os materiais são disponibilizados por meios de comunicações como Youtube, Dropbox, etc.

A respeito dos ensaios, percebi que eles são de suma importância para o acontecimento do “Show Viva” e que são diretos e objetivos. Não é viável ir ao ensaio sem saber o que precisa para tal, ou seja, é necessário estudar todo o material que é disponibilizado antes e evitar as faltas, pois em todos os ensaios acontecem ajustes e inserções de músicas. Visto que o enredo utiliza de uma riqueza de repertório trazendo músicas católicas e músicas da MPB, Ziza Fernandes em sua metodologia presa por ser considerada no curso como professora e não artista, porque acredita que isso pode interferir na aprendizagem dos alunos ao se compararem com suas experiências artísticas. Ao falarem do roteiro, conclui que apesar de o musical não ser produzido no âmbito religioso, toda a trama está ligada a princípios trabalhados dentro da igreja.

Partindo da primeira experiência no palco, os participantes destacam o medo de errar e a insegurança, mas alegaram que o curso trabalha estes aspectos o tempo todo, utilizando de meios técnicos como atividades corporais, exercícios de respiração, técnica vocal, entre outros.

Assim, acredita-se que esta pesquisa contribui para a educação musical no aspecto de promover o acesso à arte quando se trata de um curso – neste caso o CEV – que se preocupa com as formações humana e artística, e que tem como resultado final levar os participantes a estarem em um espetáculo no qual têm a oportunidade de subir

ao palco. Outra contribuição importante é que o musical “Show Viva 2018” traz uma noção da consciência corporal e oral do aluno a partir de exercícios técnicos e cenas que são montadas de acordo com as atividades realizadas durante o curso. As pessoas que procuram ensino de música muitas vezes não tiveram contato com o palco. Desta forma, o curso oferece subsídios para tal, trabalhando, por exemplo: postura, marcação de palco, forma de agradecer o público, adaptação aos recursos de iluminação que são usados pela equipe técnica e controlar o nervosismo que sempre está presente em uma atuação. A experiência da prática de conjunto também coopera para a educação musical, pois faz com que ao tocar e atuar com pessoas que possuem diferentes vivências, aconteça um aprendizado mútuo, contribuindo para a construção da bagagem musical de cada um.

Além dessas considerações, pude observar alguns aspectos que auxiliarão de forma significativa o meu empenho no que diz respeito à atuação profissional, tais como: realizar atividades com intenções a serem utilizadas em situações futuras que se dão de maneira processual, por exemplo, ensinar os alunos a fazer uma roda em determinado tempo, e essa roda fará parte de uma cena da apresentação no futuro. Os dados revelam também que abordar aspectos da formação humana juntamente com a artística, porque dessa forma o desenvolvimento é integral, possibilita que o artista tenha mais domínio sobre suas emoções quando está em palco, autonomia para criar e auto estima para lidar com os erros e cobranças. Partindo disso, durante as aulas e ensaios, o preparo para estar no palco e lidar com essas dificuldades será uma nova prática pedagógica adotada pela professora. Por fim, acredito que o Show Viva pode servir como campo empírico para outras pesquisas, dentre elas a relação das artes (música, teatro, dança e artes visuais) que estão presentes no musical. Estas relações podem ser estudadas de maneira conjunta ou separada, uma vez que são essenciais para o acontecimento desse tipo de espetáculo, que se trata de um teatro musical.

Referências

ALMEIDA, Márcio Antônio de. Música brasileira na liturgia: obra, contexto e produto. 2014. 123 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/108805>>.

BARBOSA, Maria Flávia S. **A arte na formação do indivíduo: superando preconceitos**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 22, n. 49, p. 727 - 743, set.- dez. 2016/ jan. 2011.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes.- 3 ed. – Porto Alegre: ARTMED, 296 p. 2007.

DIEFENBACH, Moisés. **As práticas musicais nos ambientes religiosos**. Especialização Música: Ensino e Expressão. Universidade Feevale. Setembro, 2012.

FERNANDES, Ziza. **Voz: Expressão da vida**. Testemunhos de vida e dicas de uma voz. 2 ed – Porto Alegre: Paulinas, 2006.

LORENZETTI, Michelle Arype Girardi. Aprender e Ensinar música na Igreja Católica: um estudo de caso em Porto Alegre/RS. 2015. 167f. Dissertação (Mestrado em Música – Educação Musical). UFRGS, Porto Alegre, 2015.

OFICINA VIVA PRODUÇÕES. Disponível em: <<http://oficinavivaproducoes.com/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

SOUZA, JUSAMARA. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, 7-11, mas. 2001.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues. Entrelaçamentos de lembranças musicais e religiosidade: “quando soube que cantar era rezar duas vezes...”. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v. 11, 63-68, set. 2004.

ZIZA FERNANDES. Disponível em:< <http://www.zizafernandes.com/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

Apêndices

Roteiro de entrevista para pessoas que fizeram o curso

Identificação

- Nome:
- Identidade como artista:
- Idade:
- Naturalidade:
- Escolaridade:
- Estado civil:
- Filhos:

1-Definição

- 2.1 O que é ser artista para você?
- 2.3 Quais são os espaços de atuação que você católico possui? Me conte um pouco sobre a sua experiência.

3-Formação

- 3.1 Como você está construindo o seu “ser artista”?
- 3.2 O que é primordial para se constituir como um artista?
- 3.3 Quais são os conhecimentos musicais que você tem? O que você precisou aprender para participar do show viva? Você domina a leitura musical? (Leitura de partitura), você acha importante ter esse conhecimento?
- 3.4 Você utiliza algum dos meios de comunicação no seu processo de aprendizagem artística?

4-Atuação

- 4.1 Ação: Como foi subir no palco? Foi a primeira vez? Quais foram as suas dificuldades? Quais foram os principais desafios enfrentados?
- 4.2 Como é ter Ziza Fernandes como professora? Me fale um pouco sobre isso!

5- Ensaio

- 5.1 Como foi a logística dos ensaios? Quais foram os desafios, dificuldades e imprevistos?
- 5.2 Como era a dinâmica dos ensaios com o grupo todo e com o núcleo base?
- 5.3 Me fale um pouco sobre a relação de atuar e cantar ao mesmo tempo?
- 5.4 Como foi a sua relação com os demais participantes? Como ela foi construída?
- 5.5 Em qual cidade você fez o curso CEV? Foi o seu primeiro CEV? O que te levou a fazer esse curso? Conte-me sobre a sua inserção no curso.
- 5.6 O que mudou na sua vida após ter feito o CEV? Quais foram as descobertas?
- 5.7 Me fale sobre o musical (enredo, repertório, música).

6-Música e Igreja

- 6.1 Você possui algum ministério dentro da igreja? Atua em missas? Retiros? Grupos de oração? Fale um pouco sobre isso! (Nesses espaços você já teve experiência com musicais?)
- 6.2 Após o musical você criou algum vínculo com a equipe? Com a diretora Ziza Fernandes? Como esta relação foi construída?